

A política, segundo as Escrituras.

“Não virá o Reino de Deus com visível aparência... porque o Reino de Deus está dentro de voz”.
Lucas, 17.20.

A política, se nós sabemos que é boa se bem gerida, se preocupa substancialmente com as relações naturais entre os homens, mas a Igreja de Deus tem de se preocupar unicamente com a relação de Deus aos homens, e vice-versa, as relações espirituais.

Fundamentado nos preceitos e nos exemplos do senhor Jesus Cristo, é com pesar que tenho notado que algumas congregações evangélicas têm envidado esforços para eleger políticos e até padres se candidatam aos cargos públicos. Já vi grandes faixas publicitárias colocadas frente aos templos conclamando o povo a votar em determinados candidatos, principalmente a cargos majoritários, e até mesmo para votar naqueles políticos com fortíssimos indícios de já terem lesado, em grande escala, o erário. Ao receberem dinheiro desses políticos em troca de apoio, erram, de modo bem grave, pois eles estarão a negociar o prestígio cristão, o maior bem do cristianismo. **O sentimento cristão não pode ser misturado ou trocado nem mesmo com todos os bens que o mundo possa comportar!**

Além disso, os pastores responsáveis pela igreja não podem se esquecer de que boa parte do dinheiro das campanhas políticas é dinheiro maldito, como sempre, pois provém de doações de grupos de empresários inescrupulosos ávidos por novas mazelas ou de dinheiro acumulado em desonestas administrações anteriores. As grandes doações desses empresários desonestos nunca são feitas por amor ao candidato ou pelo que esse pode fazer pelo povo, mas, sim, são investimentos em proveito próprio.

Os empresários escroques sabem que se seu protegido ganhar as eleições cobrarão do candidato eleito a cem por um, a mil por um, o dinheiro doado anteriormente. Eles cobrarão isso por meio de novas mazelas administrativas, sempre em altíssimo prejuízo aos contribuintes e, sendo dinheiro roubado do povo, é dinheiro maldito e altamente nocivo ao conceito cristão. A Igreja de Jesus Cristo não precisa se aliar aos corruptos para sobreviver ou para crescer, ao contrário, o cristão tem e deve rechaçar qualquer tentativa de misturar o cristianismo com interesses mundanos.

Nós cristãos, jamais devemos nos esquecer de que a Igreja deve ter seus rumos fundamentados exclusivamente nos preceitos e nos exemplos de Jesus Cristo. Ao contrário do que os judeus esperavam do Messias, julgando que ele viria para resgatar a Judéia dos invasores romanos e a maior ainda que os tempos de glória de Israel, o Mestre jamais se aliou à política nem se preocupou em infiltrar cristãos nos redutos de poder temporal, para que pudessem influenciar, de alguma forma, nos rumos do cristianismo. Ao contrário, é certo que Jesus criticou a política dos homens ao proclamar: *“Dai a César o que é de César”,* ou seja: *“Separe, o homem, pois, as coisas de Deus das coisas mundanas”.*

Conforme o Mestre, política, poder, dominação ou revolta são o contrários aos preceitos que veio ensinar, portanto, são contrários aos preceitos cristãos:

“Então, Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não deve ser assim entre vós, pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, terá de servir, e quem quiser ser o primeiro entre vós, será antes o servo”. Jesus, em Mateus, 20.24 a 27.

Eu costumo fugir de todos os candidatos a cargos públicos que fazem as suas campanhas com a Bíblia nas mãos. Tenho notado que todos os que foram eleitos com a Bíblia nas mãos, mais propriamente os pastores eleitos pela Igreja Universal do Reino de Deus, jogaram a Religião de

Deus ao lixo, pois, mesmo dizendo-se pastores de Deus, em cumplicidade com seus parceiros do crime se envolveram com todo tipo de armações em proveito próprio, fraudando o dinheiro dos impostos que teria de ser revertido à comunidade,

Na igreja, nem folhetos de candidatos se podem distribuir. O político que fizer por merecer, por certo, será o preferido dos verdadeiros cristãos sem a necessidade de apoio acintoso. Quanto a isso, ainda, temos a considerar que quase todos, ou todos, os pastores eleitos pelas congregações são e foram objetos de investigação por terem praticados atos desonestos em benefício de seus próprios bolsos.

Jesus foi a maior exemplo do que escrevo aqui, pois não interferiu nas relações entre ricos e pobres.

Não interferiu nas relações poder e povo.

Não interferiu nas relações entre servos e senhores (Efésios, 6.5).

Não se indispôs com os romanos invasores, como queriam os judeus.

Sendo assim, na instituição da Nova Mensagem, não se indispôs com Caifás, sumo pontífice religioso, o príncipe dos sacerdotes, por tê-lo renegado como o Messias. Não se indispôs contra a autoridade civil de Pôncio Pilatos, nem contra o regime de terror do imperador romano Tibério Júlio César Augusto, ambos chefes dos intrusos romanos que dominavam a Palestina, havia quase um século. Enfrentou os poderosos da Terra apenas com a palavra. Não se envolveu com política, tampouco procurou alianças com os que comandavam. Contudo, dando exemplo de civilidade e de respeito pelas autoridades constituídas, pagou a sua cota do imposto público. Não se aproveitou da sua inegável liderança para incitar os pobres contra os ricos. Não se rebelou contra o regime escravagista nem com outras distorções que produzem injustiças, próprias da força. Principalmente, Jesus não colocou ninguém próximo ao poder temporal para que esse “auxiliasse na causa cristã”.

Em suma, Jesus Cristo não se envolveu em políticas. Quando aceitou convites de nobres para um almoço, o fazia sumamente na condição de evangelizador. Jesus nunca disse aos nobres: “Libertem seus servos”, pois nos preceitos que propagava ensinava A TODOS: *“Amai ao teu semelhante como a ti próprio”*.

As profecias de Isaías já apontavam para a isenção de Jesus quanto às coisas materiais, tal como a política:

“...Ele não disputou,

Não elevou sua voz nas praças,

Não quebrou o caniço rachado,

Nem apagou a mecha que ainda fumegava...

Até que fez triunfar a justiça”. Profecias do Senhor Deus, em Isaías, 42.

Dados os oráculos do Senhor aos seus profetas, o Messias era esperado pelos israelitas com muita expectativa, e era aguardado que viria como um grande rei, com grande poder político, como o grande libertador de Israel, absoluto sobre a Terra e dominador de todos os povos. Imaginavam um Messias poderoso, nascido da nobreza, dotado de grande sabedoria e total liderança, pela qual comandaria um grande e invencível exército que viria a dizimar todos os inimigos de Israel. Esperavam que fossem exterminados os ímpios e os pagãos denominados “cães” e, principalmente, os odiados invasores romanos que por dezenas de anos impunham jugo à Palestina sob a força da lança e da espada. Aguardavam um grande e extraordinário rei, descendente de Davi, que viesse livrá-los, de vez, do jugo das centúrias opressoras romanas e, se possível, que os varressem da face da Terra, e que restaurasse, de vez, a hegemonia de Israel sobre todos os outros povos, de modo mais triunfal ainda do que nos gloriosos reinados de Davi e Salomão. E assim, interpretando as Escrituras ao pé da letra, aguardavam um rei político executor e não um rei espiritual semeador, como está posto em Jeremias 23.5 e 33.14:

“Dias virão, oráculos do Senhor, que farei brotar de Davi um rebento justo que será rei e governará com sabedoria e exercerá na terra o direito e a equidade, e viverá Israel em segurança. E eis o nome que será chamado: Javé nossa justiça”.

“O seu império será grande e a paz sem fim sobre o trono de Davi e em seu reino. Ele o firmará e o manterá pelo direito e pela justiça, desde agora e para sempre”. Promessas do Senhor Deus, em Isaías, 9.6.

Quem ler Isaías, capítulo 61, terá idéia de como era esplendoroso o sonho israelita. Em Lucas 1.71, está bem claro que os israelitas achavam que Jesus viria à Judéia para resgatar Israel das mãos de seus inimigos.

Também no Evangelho, o povo julgava que Jesus os libertaria dos romanos invasores:

“para nos libertar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam”. Lucas, 1.71.

De tal modo os judeus aguardavam um Messias investido de grande poder, um poderoso político que viesse a restaurar a hegemonia dos filhos de Abraão sobre os outros povos, como nos tempos de Davi e Salomão que, mesmo aqueles que tendo aceitado a Jesus como o verdadeiro Messias, frustrados, sentiram ruir todos os seus sonhos quando o viram morrer. Sentiram que não seria daquela vez que Israel seria restaurada e que deveria continuar impotente contra o jugo romano. Sentiram ruir tudo, quando viram o seu Mestre, o grande realizador de milagres, o incrível ressuscitador de mortos, o dominador das forças da natureza, o líder espiritual da multidão, enfim o justo sob todos os aspectos, ser acorrentado pelo próprio povo e massacrado pelos soldados romanos.

Na sua pequenez, sentiram que aquele seu amigo Jesus que estava sendo brutalmente humilhado, ultrajado, esbofeteado, cuspidado, pisoteado, chutado, escarnecido, sangrado pelas lanças dos seus algozes e despojado de tudo: da honra, das vestes, de seu sangue e até de sua vida, era tão pequeno quanto qualquer injustiçado pela impiedade dos “grandes”. Naquele momento, extremamente aturdidos, sentiram que o Império Romano era muito mais poderoso, dominador e majestoso do que imaginavam, porque até o seu magnífico Mestre, antes, invencível, mostrava-se impotente contra o seu domínio, e que os saduceus, os fariseus e os príncipes dos sacerdotes, finalmente, o haviam vencido, porque ali, acorrentado, com partes do corpo em carne viva pela agressão dos chicotes, e com o semblante lívido pela dor, nem forças tinha para reagir! Aquele Jesus, antes, vencedor, que se dizia Filho do Pai, estava sendo incompreensivelmente derrotado com desonra!

Seu Mestre, de extremo carisma e magnetismo, pelo qual haviam abandonado tudo — porque havia legitimado a sua Mensagem Nova com impressionantes prodígios —, que andara sobre as águas como se fosse terra firme, que interferira na natureza como se fosse o criador dela, que ressuscitara mortos, e um deles até em estado de decomposição; que mostrara, por um minuto, um pouco do esplendor do céu ao fazer-se resplandecer de brancura intensamente iluminada perante seus discípulos, mas, ali, incompreensivelmente, demonstrava completa impotência. Se não conseguia salvar nem a si mesmo da extrema humilhação e da morte inglória determinada pela força física, não poderia, então, resgatar Israel da opressão invasora!

Naquela confusão mental que envolvia aqueles homens rústicos, chegaram até a duvidar que ele fosse, realmente, o Messias da aliança de Deus e, por isso, até o renegaram por medo da força física dos homens do mundo! Sem entenderem, sem levar em conta as sábias e explícitas referências do Mestre com respeito **a que veio**, sentiram seus sonhos ruírem.

Ainda sem Pentecostes, sentiram desfazerem-se os seus sonhos predominantemente nacionalistas e, então, concluíram, tristemente, que a injustiça continuaria a sobrepor-se à justiça;

que os romanos continuariam a escravizá-los em sua própria terra; que a força física continuaria a prevalecer sobre a fraqueza e, por isso, os pobres e os injustiçados continuariam sendo impiedosamente massacrados. Desse modo, com medo de que aquela violência extrema que atingiu o seu Mestre também os atingisse, esconderam-se para lamentar os seus receios.

Todavia, como Deus não pode ter duas palavras, a revelação, o entendimento, o discernimento, vieram por meio das línguas de fogo do Paráclito, e por esse radioso porvir, finalmente, adquiriram a sabedoria que emana de Deus e por isso passaram a entender **a que veio Jesus**.

Antes de Jesus, a revelação aos homens só era manifestada pelo Senhor Deus na solidão dos desertos ou no topo das montanhas, antecedido do sacrifício de uma jornada íngreme até o seu ponto mais alto, além de semanas de jejum e de orações. Assim aconteceu com diversos profetas e até com Jesus, mas, agora, por ele, essa revelação, esse avivamento espiritual que concede a verdadeira sabedoria, é gratuitamente legada aos simples de coração que buscam a Deus procurando fazer a sua vontade. Por Jesus, que deixou tudo bem explicado e suficientemente exemplificado, ficou muito fácil chegar a Deus!

Mas o próprio povo de Jesus, o israelita, na maioria, não o aceitou. Os fariseus escandalizaram-se e rejeitaram a possibilidade de aquele nazareno, nascido de uma família de um humilde carpinteiro, um andarilho que só procurava acercar-se de pessoas também humildes e até das renegadas pela sociedade, pudesse ser o Messias tão ansiosamente aguardado e, assim, rejeitaram-no violentamente. Por seu ousado atrevimento ao contestar, por várias vezes, as crenças tradicionais que propagavam ao povo judaico, por diversas ocasiões tentaram matá-lo. De modo algum as aparências indicavam o Jesus andarilho como o Messias que os homens do templo aguardavam e mensagem que propagava agredia seu modo de vida. Para eles, necessariamente investido na qualidade de importantíssimo enviado de Deus, o Messias teria de nascer numa corte de reis, na nobreza, com extenso poder e honrado como tal. Mesmo tendo legitimado a sua Nova Mensagem com obras altamente prodigiosas e, por isso, em perfeita correlação com os oráculos dos profetas do próprio Israel, como Isaías, Jeremias, Davi e outros, ainda assim não o aceitaram.

“Então, se abrirão os olhos do cego, e se desimpedirão os ouvidos do surdo; então o coxo saltará como um cervo, e a língua do mudo dará gritos de alegria!” Predições de Isaías, no capítulo 35.5.

Em Atos dos Apóstolos, 1.6, os apóstolos interpelam a Jesus já ressuscitado, sem ainda compreenderem que, se bem que não parecesse, ali ocorria o maior e o mais importante evento universal de todos os séculos reservados para a Terra.

“Senhor, é porventura agora que ides restaurar o reino de Israel? Jesus respondeu-lhes: “Não vos pertence saber os tempos nem o momento em que o Pai fixou em seu poder”.

“Não virá o Reino de Deus com visível aparência... porque o Reino de Deus está dentro de voz”. Lucas, 17.20.

Mas, na verdade, Jesus já havia fundamentado fortemente os alicerces da libertação, não só para Israel, mas também para todos os povos que havia e que hão de vir, pelo evento de seu Grande Sacrifício, conforme as suas palavras em Mateus 29.30. O Mestre já havia explicado essa sublime graça aos seus amigos, mas esses, naquele momento não compreenderam, porque, ali, ainda não haviam recebido o avivamento pelo Santo Espírito de Deus:

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho de homem. Todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do homem vir sobre as nuvens cercado de glória e majestade...”.

Jesus descarta obras visíveis da restauração física de Israel:

“Não virá o Reino de Deus com visível aparência... porque o Reino de Deus está dentro de voz”.
Lucas, 17.20.

Jesus voltará, como prometeu, todavia não voltará na humildade, mas, sim, na glória, do modo como os judeus o esperavam. Voltará consagrado pelo Senhor Deus como Rei e Juiz Universal, pois, conforme a Bíblia, o Universo inteiro foi criado para ele. Conforme o livro de Apocalipse — repetindo Mateus —, 25.31, virá como um grande Rei revestido de inimaginável glória e majestade, acompanhado de legiões de anjos celestes, separará os seus escolhidos à sua direita e punirá eternamente os que não creram, pois todas as oportunidades Ihes foram gratuitamente propiciadas para que se arrependessem, a tempo, das suas preferências mundanas.

No entanto, se Cristo tivesse vindo nas condições sonhadas pelos judeus, reafirmaria, ainda mais, o conceito existente da consagração da força e do poder. Perpetuaria a tradição vigente na época pela qual só os fortes e os abastados eram os protegidos de Deus, e que os fracos eram a escória da humanidade e, assim, ele veio e viveu como o verdadeiro mensageiro da humildade. Se tivesse vindo de modo triunfal como era aguardado, ditaria leis proclamadas na condição de rei político mais poderoso de todos os tempos sobre a Terra, todavia, exatamente ao contrário, pregou e convenceu o mundo com leis outorgadas, de forma pacífica, serena, mas solidamente, como o Rei Espiritual do Universo. E, assim, veio a responder a Pôncio Pilatos: *“Meu reino não é deste mundo”*. Na verdade quis explicar:

“Tudo isto aqui que você vê é pó que o vento vai levar. O império de sua Roma é breve, frágil e passageiro. O verdadeiro reino você não pode ver, mas é único e sem fim, e minha missão aqui é para que todos tenham vida imortal no reino de meu Pai”.

Jesus não veio como poder político, contudo, foi morto como um político perigoso “que poderia levar a classe subjugada a um indesejável levante contra os poderes constituídos”. Por isso, foi condenado mortalmente em dois processos: um movido pelo poder romano, e outro, antes, tramado nos bastidores do templo, e levado a cabo pelas autoridades judaicas, por seu próprio povo.

Seria fácil a Jesus impor-se do modo como os judeus o esperavam, pois ele é o Filho de Deus, e com todo o poder sobre tudo e sobre todas as coisas, porém, que frutos obteria pela força? Expulsaria os exércitos romanos da Judéia, faria Israel voltar aos tempos de glória e de respeito maiores ainda de que nos reinados de Davi e Salomão, mas, e depois? Ditaria leis por imposição como um grande e invencível déspota; jamais seria esquecido pela história, no entanto, se assim houvesse ocorrido, as gerações seguintes só se lembrariam dele como um rei muito poderoso que havia vencido enquanto viveu, impondo-se por sua extraordinária força, cujo fato se caracterizaria numa forte interferência do Criador no curso natural da história. Tal possibilidade estaria completamente em desacordo com os desígnios do Criador desde Noé, quando proclamou após o dilúvio:

“Quando virdes um arco no céu (o arco-íris) lembrai-vos da aliança que fiz convosco, e por ela não ferirei mais a terra e todos os seres vivos, como o fiz... (o Dilúvio, o fogo em Sodoma...)”. Promessas do Senhor Deus, extraído de Gênesis, 9.14.

Se Jesus tivesse interferido na Terra, fisicamente, em favor de Israel, estaria a aprovar a violência, que ele próprio veio combater, como presumível solução para se resolverem os problemas do mundo. A tendência do homem para a violência já havia começado, bem antes, na primeira família, com Caim, e Jesus nos mostrou que não é esse o caminho da libertação. E, assim, já estava profetizado pela palavra em Isaías 42:

*“Eis o meu servo a quem amparo.
Meu eleito ao qual dou toda a minha afeição,
Faço repousar sobre ele meu espírito,*

*Para anunciar às nações a verdadeira religião,
Ele não gritará, nunca elevará a voz, não clamará nas ruas,
Não quebrará o caniço rachado.
Não extinguirá a mecha que ainda fumega.
Anunciará com toda a franqueza a verdadeira religião;
Não desanimará, nem desfalecerá, até que tenha estabelecido
A verdadeira religião sobre a terra”.*

Este é o oráculo representativo da humildade de Jesus, da mansidão, da doçura, da não violência, mas, sim, da esperança e da paz. Diferente do que Judá o esperava, veio numa humilde família, numa estrebaria que cheirava a fezes de animais e numa ocasião imprópria para a sua mãe — pois nasceu fora do lar, durante uma jornada. Esse sublime acontecimento, o maior de todos os séculos, poderia ter passado despercebido não fossem os anjos conclamarem humildes pastores a adorá-lo, para que, de algum modo, mesmo que simbolicamente, se complementasse aqui na Terra uma grande festa que acontecia entre os anjos, no céu!

Cristo foi um perseguido. Inicialmente foi perseguido por Herodes, seu rei, por isso, ainda bebê, teve de ser levado da Judéia para o Egito por Maria e seu marido José. Viveu sob muitas dificuldades para dar-nos um verdadeiro exemplo de como cada um deve proceder para merecer as graças do Senhor Deus, que é o que mais importa em relação à eternidade e, por isso, em nome da completa coerência, ele próprio viveu a estrada estreita que pregou. A sua vida foi marcada pela humildade e desapego das ambições temporais. Na verdade, ele foi o retrato vivo da humildade. Ele era a doçura em pessoa (e é), chorava e sofria condoído pela dor do próximo. Não tinha casa e nunca se fixava em um só lugar, permitindo, assim, que um maior número de necessitados e os que não podiam ir até ele o conhecessem e se inteirassem da sua Nova Mensagem e da poderosa herança que ele formava. Sua pregação maior foi a do amor ao Senhor sobre tudo e sobre todas as coisas e do amor verdadeiro ao próximo, a todo e a qualquer próximo, sem distinção, mesmo que venha a se tratar de um considerado inimigo. E no amor ao próximo estão incluídos o perdão, a tolerância, a condescendência, o respeito, o direito, a igualdade, o amparo, a fraternidade, a verdadeira caridade e a caridade de doação — não só de bens materiais — a todos os semelhantes, pois essa é a verdadeira religião, citada pela palavra em Isaías 42, e em Mateus, 25.35.

É altamente nocivo à vivência do real sentimento cristão quando qualquer membro ou dirigente do templo ou da comunidade passa a ser visto como uma pessoa importante, um astro aguardado, ou pior ainda, quando ele próprio passe a se considerar importante. Se fora do templo todos são iguais perante Deus, dentro da igreja esse preceito deve ser intensamente vivido. A política, se praticada nas igrejas, traz todas as inconveniências mundanas que fazem parte de sua receita: aplausos, honras, maledicências, rancores, ciúmes, invejas, futricas, desilusões e por aí afora. Destaques, citações honrosas, parabéns e aplausos jamais devem ser dirigidos a qualquer personalidade humana, dentro do templo, seja ela quem for, seja qual for a importância terrena que possa ter. Honra prestígio e glória, no templo, só ao Senhor!

O templo tem de ser visto, sobretudo e exclusivamente, como casa de oração.

“Minha casa é uma casa de oração”. Jesus Cristo, em Mateus, 21.13.

Até o início do século quarto, o cristianismo era a coisa mais pura do mundo! Ver no site www.segundoasescrituras.com o arquivo: “A Igreja Certinha de Jesus, segundo as Escrituras”. Quanto mais era perseguida era a Igreja Primitiva, a Igreja Certinha de Jesus, tanto mais crescia, pois vivia realmente a Porta Estreita de Jesus e o Caminho Apertado. Mas, como sempre digo, Satanás não esteve escondido por todos esses 2000 anos, pois sem que percebamos que ele existe, esteve e está sempre ativo procurando todas as formas e todos os meios para corromper a sociedade, realizando-se as profecias do Apocalipse:

No capítulo 12 do Apocalipse, versículo 17, nos vem a Revelação:

“O dragão irou-se com a mulher (a Igreja de Deus) e foi fazer guerra aos outros seus filhos que guardam os Mandamentos de Deus e retêm o testemunho de Cristo”.

Satanás, como está profetizado também no Apocalipse 12.17, **viria fazer** guerra aos santos e os venceria, pois isso também está profetizado em Apocalipse, 13.7:

“Foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los”.

Portanto, tendo-se como fonte unicamente a Palavra Escrita, Satanás não estava nada feliz com o crescimento da Igreja de Jesus, mesmo sendo perseguida, talvez obra sua. Por isso, não conseguindo vencer os cristãos pelas perseguições do homem, na sua astúcia amplamente comprovada, pois converteu para si até uma parte dos anjos do Céu, bolou um grande e astucioso plano que deu certo inteiramente: introduzir a política dos homens na Igreja; fazer os santos se aliarem à política mundana.

Se ele, Satanás conseguiu corromper até os anjos e o primeiro casal do mundo, tentaria, ali, corromper uma massa e o conseguir, de acordo com a História e de acordo com Apocalipse, 13.7.

O seu grande e astucioso plano consistia no seguinte: já que não conseguia barrar a expansão cristã pela perseguição, usou da seguinte artimanha: Através dos imperadores romanos terminou com a perseguição cristã e de sobra, parte intrínseca de seu plano infernal, acabou por colocar os chefes cristãos sob a tutela dos reis, inicialmente na tutela de Constantino, que se dizia convertido ao cristianismo. Mas estudando-se a história de Constantino, mesmo depois da sua propalada conversão, nota-se, facilmente que não vivia pelo verdadeiro cristianismo do perdão, da tolerância, da humildade, do oferecimento da segunda face para bater e por aí afora.

Bem sabemos os ambientes dos palácios da glória humana: política pura na procura pelos melhores lugares junto ao rei; luxo; luxúria; conforto; intrigas; ócio; traições; invejas; ciúmes; trocas de favores; prazeres naturais; concubinas; ira; provocações e até envenenamentos em busca do poder humano.

Conforme os preceitos de Jesus, nenhum desses adjetivos pode ter vez na vivência real do Evangelho, mas os chefes cristãos acabaram por aceitar a oferta dos reis, se bem que se mantiveram fiéis a Deus nos primeiros séculos, mas com o passar do tempo, dos séculos, para intensa alegria de Satanás, as gerações seguintes, já acostumadas ao luxo, à luxúria e ao poder, portanto, acostumados naturalmente à boa vida dos palácios acabaram por construir os seus próprios palácios e se tornaram os reis do mundo, numa determinada época, até com reis absolutistas

A partir daí, sempre usando o Santo Nome do Senhor como se fosse um guarda-chuva contra a chuva, como imperadores da Terra, ameaçando os opositores com o nome de Deus provocando medo, carregados de política mundana, mandaram e desmandaram, e com isso, da Igreja de Jesus só havia o visual representado pelas pinturas e pelos crucifixos nas paredes. O mesmo crucifixo da capela era o mesmo crucifixo pendurado em seus luxuosos aposentos, nos quais recebiam suas concubinas e em certos casos até os seus “concupinos”, segundo os livros colocados ao final desse arquivo, como também do arquivo “O Vaticano, segundo as Escrituras”, no site www.segundoasescrituras.com

Não satisfeitos em lançar em desvirtuar a Igreja de Jesus. Lançaram-na na lama mais podre possível perante o Céu ao passar a perseguir os remanescentes cristãos: aqueles da Bíblia, somente da Bíblia.

Os “Sumos Pontífices” lançaram, mais ainda, a Religião de Jesus na lama podre ao instituir a proibição da leitura da Bíblia, a Palavra Escrita e instituir a morte aos verdadeiros adoradores de Cristo. Assim, pelo Concílio de Toulouse, se instituiu a atrocíssima Inquisição e leis que condenavam mortalmente a quem ousasse ler ou possuir uma Bíblia:

No século 13, pelo Concílio de Toulouse (1229), que o clero católico de hoje tenta esconder, mas não pode, pois a História nos mostra que foi votado por um conselho de bispos e de cardeais, sob a égide do Papa Gregório IX, o mesmo que instituiu a atroz Inquisição, ficou decidido:

"Proibimos os leigos de possuírem o Velho e o Novo Testamento (...) Proibimos ainda mais severamente que estes livros sejam possuídos no vernáculo popular. As casas, os mais humildes lugares de esconderijo, e mesmo os retiros subterrâneos de homens condenados por possuírem as Escrituras devem ser inteiramente destruídos. Tais homens devem ser perseguidos e caçados nas florestas e cavernas, e qualquer que os abrigar será severamente punido".(Concílio de Tolouse, França. Assinado pelo Papa Gregório IX,1229, Canons 14:2).

Vejam a que cúmulo chegou a Igreja quando se aliou aos poderes do mundo, à política do mundo!

Quando a Igreja de Jesus, antes humilde e perseguida foi politizada e assim levada ao poder temporal, as guerras de sangue se sucederam, pois os papas guerreavam como todos os reis, e com muito mais impiedade, tendo-se em vista o exemplo das impiedosas Cruzadas, sob o comando dos papas, que levaram a milhares de milhares para a morte, desespero, pânico, devastação e até aos estupro até de crianças e jovens adolescentes.

Somando-se as mortes pelos motivos relatados abaixo, a Igreja católica, depois de se unir à política e aos poderosos do mundo, pisando sobre dos exemplos dos apóstolos de Jesus, a Inquisição católica trucidou mais humanos que os mortos da Segunda Guerra Mundial. Por isso tudo e por muito mais, a Igreja não pode aliar-se à política dos homens, e sim, aos exemplos e ensinamentos de Jesus e de seus apóstolos. A Igreja tem de influenciar o mundo apenas com a evangelização, e não buscando poder.

Ao distanciar-se da evangelização, lançando a Igreja de Jesus na lama, o clero católico agravou mais males que as mortes nas fogueiras, pois foram os responsáveis diretos ou indiretos dos enforcamentos, das torturas bárbaras, das perseguições implacáveis aos da Bíblia, somente a Bíblia; das trucidações cometidas pelos Cruzados, que foram centenas de milhares, por todas as cidades e povoados pelos quais aquelas turbas passaram; das matanças dos mouros; das matanças dos anabatistas; as matanças dos huguenotes; as matanças dos Albigenses, de homens, de mulheres e crianças, com gravíssima crueldade, que assustou até o papa mandante direto daquele morticínio: Inocêncio III; da matança dos ciganos; da matança dos bruxos e bruxas e homossexuais; da matança dos inimigos; das guerras "religiosas"; da matança dos judeus, cujo ódio pelo clero a eles que se alastrou por todo o mundo causando intensas perseguições e mortes, pois somente na Inglaterra do Rei João, foram mortos num dia só quase cinco centenas de judeus, e tudo isso leva ao cálculo de mais mortes provocadas, diretas e indiretamente, pelo clero católico que as mortes registradas na Segunda Guerra Mundial, ou seja, mas de 50 milhões de mortes como é mostrado nos livros colocados ao final.

Durante um período da História, a Polônia foi um local de refúgio para os judeus fugidos das famigeradas Cruzadas católicas. Foi um refúgio da peste e dos constantes massacres. No ano de 1648, quando os ortodoxos orientais da Ucrânia invadiram e devastaram a Polônia, os judeus foram escolhidos para as crueldades mais especiais. Nesta época, houve na Polônia uma das mais sangrentas décadas da história judaica, pois cerca de 500.000 judeus foram assassinados, e mais de 700 comunidades judaicas foram destruídas. Os judeus refugiados fugiram desesperados para outros países europeus. Todo esse ódio teve influência direta do alto clero católico, desde que se esqueceram dos preceitos de Jesus e passaram a viver pelo mundo, pela vingança.

Portanto, conforme estava profetizado no Apocalipse, Satanás venceu os santos ao fazê-los aliarem-se à política.

A política é necessária para regular as relações entre os homens, mas o grande mal é quando quase todos os homens da política corrompem seus deveres que teriam de ser a serviço da comunidade, mas a favor de seus próprios bolsos, de suas próprias conquistas, de suas próprias conveniências e para favor de seus próprios amigos, nas famosas trocas de favores. Por isso a Igreja tem de se manter distante disso tudo.

Bem-aventurados sejam os remanescentes cristãos, aqueles que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro de Deus! Estes se mantiveram distante da política dos homens e de seus palácios.

As fontes sobre isso estão por todos os livros abaixo relacionados:

“Tornei-me, porventura, vosso inimigo por dizer a Verdade?”. Gálatas, 4.16

Bibliografia sobre dados relatados sobre os horrores Inquisição e muito mais:

Bibliografia sobre dados relatados sobre os horrores Inquisição e muito mais:

Jeovah MENDES. *Os piores assassinos e hereges da história*. 1997.

O Papa e o Concílio. De Tayne, Historiador da Literatura Inglesa. Coroado pela Acad. Francesa.

Earle E CAIRNS. *O cristianismo através dos séculos*. 1977.

Eamon Duffy. *Santos e Pecadores*.

Ralph WOODROW. *Babilônia: a religião dos mistérios*.

VIDAS ILUSTRES. Coleção - Volumes VI (os cientistas) e IX (líderes religiosos) e outras publicações, tanto de livros como de jornais.

Ernesto L. Oliveira: *Roma, a Igreja e o Anticristo*.

Fidel Fifa. *Los conjurados de Sevilla contra la Inquisición em 1480*. 1890.

Bernard e Vicent. *Historia de los moriscos. Vida y tragedia de una minoria*. Madri, 1978.

J. Amador de los Rios: *Historia social, política y religiosa de los judíos em España y Portugal*. Madri, 1984.

Micael Baygent Inquisição.

Angel Alcalá: *Inquisición española y mentalidad inquisitorial*. Barcelona, 1984.

Idem: *Los orígenes de la Inquisición em Aragon, S. Pedro Arbués mártir de la autonomia aragonesa*. Saragoça, 1984.

Ricardo Garcia Cárcel. *Herejía y sociedade en el siglo XVI. La Inquisición em Valencia (1530 – 1609)*. Barcelon, 1980.

Idem: *Orígenes de la Inquisición española. El tribunal de Valencia*. Barcelona, 1976.

Jean Guiraud: *Histoire de L’Inquisition au Moyen Âge*. Paris 1935.

Haliczer Stephen: *Inquisition and society in early modern Europe*. Londres, 1987.

John Henningsen Gustav e Tedeschi: *The Inquisition and society in early modern Europe*. EUA 1986.

Henry Charles Lea: *A History of the Inquisition of Spain*. EUA, 1906.

Idem: *A History of the Inquisition of the Middle Ages*. EUA, 1906.

Idem: *The Inquisition of the Spain dependencies*. 1908.

Henri Maisonneuve: *Études sur les origines L’Inquisition*. Paris, 1942.

Jaime Contreras: *El Santo Oficio de la Inquisición de Galicia (poder, sociedad y cultura)*. Madri, 1982.

Jean-Pierre e Dedieu: *Geografía de la Inquisición española: la formación de los distritos, 1470-1820*.

Miguel Avilez Fernandez; *Los inquisidores generales: estudio del alto funcionariado inquisitorial em los siglos XV y XVI*. Ifigea, 1084.

Bartolomé Bennassar: *Aux origines du caciquisme? Lês familiers de L’Inquisition em Andalousie au Vlle siècle*. 1976.

Idem: *L’Inquisition espagnole XV – XIX siècle*. Paris, 1979.

Francisco Bethencourt: *The Auto da fé: ritual and imagery*. 1992.

Louis Cardaillac: *Moriscos y cristianis viejos: un enfrentamiento polemico. 1492-1640*. Madri, 1979.

Julio Caro Baroja: *Lãs brujas e su mundo*. Madri, 1966.

Idem: *Los judíos e la espana moderna y contenporanea*. 1963.

Idem: *Los moriscos Del Reino de Granada*. Madrid, 1957.

Idem: *Vidas mágicas y Inquisición*. Madrid, 1967.

Rafael Carrasco: *Prelúdio al “siglos de los portugueses”. La Inquisición De Cuenca y los judaizantes lusitanos em el siglo XVI, Hispania XLVII*.

- Idem; *L'administration de la foi. L'Inquisition de Tolède. XVI – XVII siècle.* Madri, 1989.
- Idem: *Les causes de que foi L'Inquisition de Tolède.* 1978
- Idem: *Les Inquisition de Tolède et la visita de district. La sédentarisation d'un tribunal, 1550 a 1639.* 1977.
- Idem: *Responsabilité de l'Inquisicion dans le retard é économique de l'Espagne? Eléments de réponse, em aux orígenes du retard économique de la Espagne. XVI – XIX siècle.* Paris, 1983, juntamente com outros autores.
- Marcelin Defourneaux. *La Inquisición espagnole et les livres français du XVII siècle.* Paris, 1963.
- Antonio Dominguez Ortiz. *Autos de la Inquisición de Sevilla (siglo XVII).* Sevilha, 1981.
- IDEM: *Los judeos conversos em la Espana moderna.* Madri. Primeira edição em 1955
- Miguel Echeverria Goicoechea. *Distribución y numero de los familiares Del Santo Oficio em Andalucía durante los siglos XVI – XVIII.* 1987.
- José Antonio Escudero. *Perfiles jurídicos de la Inquisición española.* Madri, 1989.
- José A Ferrer Benimeli. *La masoneria española em el siglo XVIII.* Madri, 1986.
- Idem: *Masoneria, Iglesia y ilustración.* Madri, 1976.
- Maureen Flynn. *Mimesis fo the lãs judgment: the Spanish auto de fé.* EUA, 1991.
- Juan Carlos Gallende Días. *El Santo Oficio y los primeros Borbones. (1700 – 1759).* Espanha, 1988.
- Stephen Haliczzer. *Inquisition and society in the Kingdom of Valencia, 1478 – 1834.* EUA 1990.
- Gustav Henningsen. *El abogado de las brujas. Brujería vasca e Inquisición española* (tradução do Inglês). Madri, 1983.
- Idem *"El banco de datos" Del Santo Oficio: las relaciones de causas de la Inquisición española (1550 – 1700).* 1977.
- Álvaro Huerga. *Histori A História dos Concílios, vol. XIV, col 109, por Labbe e Cossart),a de los alumbrados.* Espanha, 1978.
- Pilar Huerga Criado. *La etapa inicial del Consejo de Inquisición (1483 – 1498)* Espanha, 1985.
- Inquisición espagñola. Nuevas aproximaciones.* 1987. Vários autores.
- Henry Carmem. *La Inquisición espagñola (tradução do Inglês).* Barcelona, 1985.
- Henry Charles Lea. The moriscos of Spain: their conversion and expulsion.* Eua, 1968.
- BURNS, E. M., *Western Civilizations, Their History and Their Culture,* W. W. Norton & Co. Inc., New York, 1968.
- João Bernardino Gonzaga, *A Inquisição em seu Mundo,* Saraiva, 8a. edição, São Paulo
- Rino Camillieri, *La Vera Storia della Inquisizione,* Piemme, Casale di Monferratto, 2001, p. 31).
- ANKERBERG, J., Weldon, J., *The Facts on Halloween: What Christians Need to Know.* Harvest House, Oregon, 1996.
- A Concise History of the Baptists* by G.H. Orchard (1855). Livro.
- A History of the Christian Church* by William Jones (1812). Livro.
- http://www.geocities.com/I_hate_spammers/waldenses2.html#chapter1 "The Waldenses: An Examination of the Doctrines of This Medieval Sect" by Thomas Williamson.
- The Origin of the Baptists.* S.H. Ford.
- History of the Donatists.* David Benedict.
- THE HISTORY OF THE CHRISTIAN CHURCH, from the birth of Christ to the 18th Century: including the very interesting account of the Waldenses and Albigenses.* By William Jones. 1762-1843.
- A History of the English Baptists.* Joseph Ivimey, 1811.
- THE HISTORY OF THE WALDENSES.* J. A. Wylie. 1808-1890.
- RASTO DE SANGUE,* J.M. Carroll. Bestseller. Clássico. *A História, desde o século I até hoje*
- "Livro das Sentenças da Inquisição"* (Liber Sententiarum Inquisitionis) o padre dominicano Bernardo Guy (Bernardus Guidonis, 1261-1331), conta como se deveria usar a tortura de modo bem convincente, provocando toda a dor possível sem matar, para sobrar o gosto satânico de ver o semelhante assado nas fogueiras de Satanás.

Graça, paz, saúde e muita sabedoria, extensivo aos familiares.

Waldecy A. Simões.

netsimoes@terra.com.br

Rua Antonio Martins Costa, 451.
São Paulo.
CEP 05584-000
Fone 11 - 3784.4843

Está perfeitamente permitida a cópia, a reprodução e a publicação de todo o conteúdo desse arquivo, com também é livre a publicação na Internet e a impressão do mesmo. Portanto, o presente arquivo é absolutamente livre para qualquer tipo de propagação desde que não se altere o conteúdo original.

Quanto ao conteúdo original, no site www.segundoasescrituras.com existe uma cópia idêntica desse arquivo criada pelo sistema PDF do *Acrobat Reader*, que o torna inviolável, de cuja cópia também está disponível para livre *download* e para qualquer tipo de propagação.

Agradeço, de coração, a todos, e estou completamente aberto a qualquer tipo de correspondência, das quais declaro, solenemente, que responderei a todas.